

Sul do Norte ou Norte do Sul?

Ideologia e inflexões na cultura estratégica brasileira

Cesar Campiani Maximiano¹

RESUMO

Este artigo discute como a identificação cultural e estratégica com o Ocidente que prevaleceu no Brasil até fins do século XX não foi meramente produto da aproximação com os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria. A noção de pertença ao mundo Ocidental já integrava o horizonte cultural e político de setores importantes da população brasileira antes da guerra, permanecendo componente importante entre os fatores que influenciaram as escolhas estratégicas adotadas pelo país após 1945. Egressos de um conflito em que a noção de pertencimento à comunidade cultural Ocidental foi amplamente consolidada, os veteranos brasileiros tiveram papel fundamental na elaboração de políticas que, durante a Guerra Fria, definiram o posicionamento do país no que diz respeito às relações internacionais.

Introdução

Os embates em busca de alianças com o intuito de orientar e encontrar soluções para a modernização do Brasil pautaram a história nacional nas décadas iniciais do século XX. Desde o final do Império, o leque de opções estava vinculado às matrizes das grandes potências do Ocidente: Tavares Bastos e André Rebouças eram adeptos da americanização; Eduardo Prado repeliu tais propostas em seu libelo contra os Estados Unidos, datado de 1893, *A Ilusão Americana*. Para Dunshee de Abran-

ches, a via de preferência encontrava-se no modelo Alemão.²

Apesar da falta de consenso, os modelos de desenvolvimento estavam invariavelmente vinculados às matrizes do mundo Ocidental. Não se questionava o pertencimento do Brasil à cultura tradicional do Ocidente, fosse o paradigma adotado o da modernização conservadora ou de uma dinâmica economia de mercado calcada no sistema democrático. O contexto estratégico das décadas de 1930 e 1940 constituiu ponto de virada promotor do alinhamento com os Estados Unidos em detrimento dos modelos europeus até então cogitados.³

¹ Doutor em história pela Universidade de São Paulo. Lecionou História das Relações Internacionais e História dos Estados Unidos na PUC/SP e Estratégia, Doutrina Militar e História Militar no mestrado em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, onde também participou da instrução do CCEM.

² TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³ MOURA, Gerson. **Sucessos e Ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

Ao se alinhar aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil colaborou diretamente com os combates na Europa por meio de uma força expedicionária composta por contingente do Exército, ao qual se somou um grupo de caça da Força Aérea Brasileira, totalizando efetivo de aproximadamente 26.000 homens. Esse contingente operou subordinado aos Estados Unidos, inserido no 5º Exército, grande comando formado por conjunto de divisões e elementos de apoio, que começou a atuar no Teatro de Operações do Mediterrâneo em janeiro de 1943.⁴

Desde a década de 1930, o Departamento de Estado americano empreendia esforço de aproximação diplomática com as nações das Américas, já então prevendo as crescentes necessidades de defesa continental que se descortinavam em vista do ameaçador contexto estratégico internacional. A série de conferências pan-

-americanas conduziu à solidez quase total do esforço de defesa do entorno estratégico brasileiro, com a exceção de Chile e Argentina, que não subscreveram os acordos. Aliado de primeira hora — mesmo durante o período de duvidosa neutralidade que precedeu o reconhecimento do estado de beligerância em agosto de 1942 —, o Brasil, por meio de parte de sua liderança militar, entreviu a

*Desde a década de 1930,
o Departamento de Estado
americano empreendia esforço
de aproximação diplomática
com as nações das Américas*

possibilidade de participação direta em combate no exterior, com a finalidade de adquirir experiência prática na guerra moderna e de reduzir o déficit de material bélico constatado durante a década anterior. Mas dada a carência de recursos das Forças Armadas, condição que em si foi motivadora da expedição à Europa, essa possibilidade só viria a ser executada por meio de íntima cooperação militar com os EUA.⁵

As dificuldades da cooperação internacional

Coalizões multinacionais incluem-se entre as mais complexas contingências das operações militares. Dificuldades culturais, logísticas e de comando foram constantes nas ocasiões em que se empregaram unidades de diferentes países atuando em conjunto, argumento que a história militar já discute

desde o tempo de Tucídides. Acima de todos esses problemas, pairava, sobretudo, dúvida a respeito do propósito político da expedição. O Brasil já tinha atingido seus principais objetivos por meio da concessão que permitiu aos EUA o uso de bases próximas ao litoral para a Campanha do Atlântico Sul. Na fase anterior de aproximação, o país também tinha conseguido o financiamento da siderúrgica de Volta

⁴ MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: IPE, 1947.

⁵ MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: FGV, 1991. Ver, também, MCCANN, Frank D. **A nação armada: ensaios sobre a história do exército brasileiro**. Recife: Guararapes, 1982.

Redonda, solução para o problema da industrialização que vinha no topo da lista de prioridades do Estado Novo e dos militares.

Exércitos precisam de motivação. Quem corre o risco de derramar o próprio sangue lutará melhor quando convicto da superioridade de sua causa. A trindade clausewitziana insere o fator passional como um dos ingredientes básicos da equação em permanente interação com o acaso e razão que rege as relações entre lideranças; base de sustentação que confere legitimidade; e o braço armado da comunidade política envolvida na guerra.⁶

Por mais que as Forças Armadas tivessem a ganhar com presença direta no *front* — fosse pelas vantagens de modernização, fosse pela possibilidade de projeção na América do Sul do pós-guerra —, permanecia o questionamento a respeito do propósito da expedição entre grande parte da tropa e cadeias de comando, o que pode ser interpretado como a relação entre os domínios passional e racional na dinâmica da natureza da guerra. Afinal, o principal ponto de toque da motivação Aliada era a luta em prol da democracia. Como equacionar tal ideal em vista do regime ditatorial de Getúlio Vargas e da ambiguidade de Dutra e Góes Monteiro? Como considerava um poema que circulou na Vila Militar antes do embarque,

Soldado voluntário
Do Corpo Expedicionário
Que vais lutar a esmo
Se a luta que se inicia
É pela Democracia
Começemos aqui mesmo.⁷

Por outro lado, a possibilidade do aproveitamento do envolvimento direto na guerra como expediente adicional visando à modernização nacional difundiu-se por vários setores da Força Expedicionária Brasileira (FEB), incluindo oficialato e praças. “Somos um povo privado do aço e do combustível, o que quer dizer civilização e liberdade. Esse o grande problema do Brasil, mas creio estar para breve sua solução”. Assim, o autor do texto no jornal de trincheira ... E a Cobra Fumou! acreditava na intrínseca relação entre o envio da FEB para a Europa e a concretização de objetivos políticos do país.⁸

A clareza de propósitos em termos de objetivos de Estado figurou entre os principais fatores de influência no desempenho dos exércitos de conscrição dos grandes conflitos do século XX, tal como foi com a FEB. Forças combatentes com alto grau de motivação apresentam maior índice de coesão e eficácia operacional, para os quais pode contribuir o trabalho de preparação psicológica. Na fase preliminar de conscrição para a FEB, como sugere o poema citado, não se pôs em prática esforço intenso com a finalidade de instruir a tropa de forma a facilitar a compreensão ampla e geral da importância da expedição para o país. O psiquiatra chefe da FEB, Dr. Mirandolino Caldas, em seu relatório publicado ao final da campanha, alertou que, durante entrevistas conduzidas no processo de seleção, havia detectado ignorância em 50% da tropa sobre as razões para o Brasil entrar em guerra.⁹

⁶ CLAUSEWITZ, Carl von. **On war**. Princeton: Princeton University Press, 1989.

⁷ Luiz Paulino Bomfim, por *e-mail*, maio de 2002.

⁸ Citado em MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.

⁹ CALDAS, Mirandolino. **O posto avançado de neuro-psiquiatria da F.E.B.** Rio de Janeiro: Graf. Laemmert, 1950.

Motivar homens para o combate é um dos desafios permanentes da guerra. O estudo de Samuel Stouffer e equipe, publicado em 1949, provou que havia vinculação direta entre as atitudes dos combatentes relacionadas ao moral (*morale*) e seu desempenho posterior em ação. Os depoimentos verbais colhidos entre soldados com experiência de combate, versando sobre sua motivação para lutar, não registravam meramente percepções: havia ligação clara entre as opiniões proferidas e aquilo que os soldados praticavam de fato no campo de batalha. Entretanto, outra das conclusões do estudo de Stouffer apontou para a direção de que as principais razões responsáveis por fazer os soldados continuarem em ação eram extremamente prosaicas: pôr um fim na tarefa; garantir o descanso depois de cumprir a tarefa e solidariedade com o grupo. Só uma parcela mínima atribuiu importância a fatores idealistas como patriotismo e preocupação com os objetivos da guerra, o que não significa que essas motivações fossem irrelevantes, mas apenas que não se integravam aos principais impulsos para a resolução em permanecer combatendo. As pesquisas conduzidas entre soldados do Exército Americano revelaram que, em termos de motivação originada de ideais relacionados com as causas oficiais da guerra, a disposição para lutar era mais forte no que di-

*Forças combatentes
com alto grau de motivação
apresentam maior índice
de coesão e eficácia operacional*

zia respeito ao Japão — em virtude do ataque a Pearl Harbor — e mais débil no que concernia à Alemanha Nazista. Portanto, graças à própria iniciativa japonesa, parte do problema estava resolvida desde a primeira ação de guerra no Teatro de Operações do Pacífico. O que podia ser feito para aumentar o grau de coesão do moral nos contingentes alocados para combater na Europa?¹⁰

Na Campanha da Itália, travada pelos Aliados contra as forças do Eixo entre 1943 e 1945, o empenho em promover a comunhão de ideais foi constante. No Teatro de Operações do Mediterrâneo, combatiam homens provenientes de vinte e sete países diferentes, sob comando anglo-

americano. Dado relevante do conteúdo das preleções dirigidas para os soldados de ambos os campos beligerantes estava relacionado ao significado da história do território onde se travavam as batalhas. A necessidade de guerrear na Itália levou combatentes de dezenas de nações a tomar contato com a história do país. A quase impossibilidade de viagens internacionais para a maioria da população mundial na década de 1940 foi mitigada pelos milhões de homens e mulheres que, em vista das contingências estratégicas, cruzaram o globo, oceanos e continentes por via aérea, naval e terrestre. Americanos que viviam isolados da Europa e do resto do planeta na década de 1930 adquiriram, durante

¹⁰ STOFFER, Samuel Andrew. et al. **The american soldier: combat and its aftermath**. Nova York: Sicence Editions, 1965.

as constantes travessias por regiões diversas, experiência internacional direta, que só viria a ser novamente viável para grandes quantidades de pessoas na era das viagens transcontinentais em jatos comerciais, por meio do turismo acessível à classe média, já na década de 1980. Entre veteranos da Segunda Guerra, a experiência de combate consolidou-se como fator primordial da recordação e das memórias posteriormente materializadas em livros; contudo, a oportunidade de travar contato com culturas estrangeiras também foi componente do conjunto de vivências compartilhadas pela geração que passou pela guerra. Ter lutado na Segunda Guerra Mundial significava, essencialmente, provação passada além dos limites geográficos do próprio país de origem, apesar do cinismo manifestado em alguns casos após o retorno ao lar, que reduzia os veteranos da Itália à condição de *turistas* ou *fujões do Dia D*.¹¹

Na década de 40, a *Itália Ensolarada* ainda não se havia tornado o paraíso turístico das gerações do pós-guerra, e, na verdade, parte apreciável da península só poderia ser considerada como generosamente banhada pela luz solar em comparação ligeiramente vantajosa com as ilhas britânicas, de onde se originou a falsa idéia de que combater na região equivalia a um passeio. Fato

O significado da cultura italiana transcendia as dezenas de nacionalidades que se embatiam para a libertação do país

é que os órgãos de lazer para soldados puderam aproveitar o passado cultural do país com duplo objetivo: primeiramente, atenuar o cansaço da linha de frente, e, secundariamente, promover, por meio da estrutura de museus, monumentos históricos e obras de arte, um processo de aculturação dos combatentes. Este encontrava sintonia com o propósito de consolidar a coesão dos exércitos Aliados: a própria Itália, por meio de seu patrimônio e do legado cultural Ocidental, era o símbolo da validade e superioridade das motivações para que os soldados se empenhassem de corpo e alma na missão de expulsar os alemães. O significado da cultura italiana transcendia as dezenas de nacionalidades que se embatiam para a libertação do país, unificando-as ao redor de valores em

comum. Associar a Itália ao esforço de guerra dos Aliados era também uma maneira de minorar a sensação de desconforto que muitos soldados do V e VIII Exércitos sentiam ao combater para liber-

tar cidades e a população de uma nação que, afinal, havia sido uma das agressoras no início das hostilidades.¹²

Os serviços de lazer para combatentes empenhados no Teatro de Operações do Mediterrâneo promoveram a noção de que a luta contra o nazi-fascismo equivalia à defesa

¹¹ SCHRIJVERS, Peter. **The crash of ruin:** American combat soldiers in Europe during World War II. New York: New York University Press, 1998.

¹² COLES, Henry Lewis; WEINBERG, Albert Katz. **Civil affairs:** soldiers become governors. Washington, D.C.: Office of the Chief of Military History, 1962.

da Civilização Ocidental, a partir do emprego do passado histórico da península italiana. Subjacente às tentativas de mobilização das opiniões e crenças dos combatentes encontrava-se a condução de uma campanha de operações psicológicas, cujas emissões eram voltadas tanto para o "público interno" quanto para a população civil e os inimigos.

Além de fomentar uma causa em comum entre os combatentes das várias nações Aliadas, o efeito do material de propaganda

psicológica extrapolou a duração da guerra, reiterando a ideia preexistente do Brasil como componente da comunidade Ocidental. Interessamos menos aferir a

eficácia das campanhas psicológicas como fator de motivação para o combate do que entender sua permanência no senso de pertença cultural dos indivíduos expostos aos vários esforços de validação das razões da guerra.

A idéia dos "corações e mentes" como parte do campo de batalha moderno só se difundiu durante o processo de descolonização após a Segunda Guerra Mundial. Os estrategistas da contrainsurgência, dependentes do apoio da população para a conquista da vitória, perceberam-se da necessidade de garantir a adesão dos civis das áreas afetadas em conflitos como os da Argélia e da Malásia, como meio de alienar os insurgentes, tornando-os carentes da estrutura de refúgio e logís-

tica proporcionada pela intimidade de convívio em bairros e pequenos vilarejos. Mas, antes de se tornarem notórias como recurso intrínseco à Guerra Fria, as campanhas psicológicas já haviam cumprido seu papel durante a Segunda Guerra.¹³

Os empenhos britânicos em garantir a solidez moral dos países Aliados são menos estudados do que os engenhos da mobilização cultural americana. Entre 1941 e 1945, o OCIAA (*Office of the Chief of Inter*

ter American Affairs) produziu a revista *Em Guarda - Para a Defesa das Américas*. Bem editorada e inteiramente em cores, a publicação foi im-

pressa em tal quantidade que até hoje, setenta anos após o embarque da FEB, ainda pode ser encontrada com facilidade em sebos.

Neptuno era um folheto de propaganda britânico, também redigido em português e distribuído gratuitamente no Brasil. Apesar de não ser tão conhecido como a *Em Guarda*, o *Neptuno* apresentava teor semelhante. Em 1943, Muniz de Aragão, então embaixador em Londres, colaborou com o *Neptuno* por meio de um artigo em que celebrava um ano do envolvimento brasileiro no conflito:

como na guerra passada, saberemos lutar ao lado das Nações Unidas pela vitória absoluta que virá assegurar a liberdade dos povos, de acordo com a Carta do Atlântico, e trazer a paz ao mundo.¹⁴

*O efeito do material
de propaganda psicológica
extrapolou a duração da guerra*

¹³ NAGL, John A. *Learning to eat soup with a knife*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

¹⁴ Muniz de Aragão. "Brasil, a Contribuição de Um Ano", In: *Neptuno*, P. No. 45, 1943. p. 8

Aragão fazia menção a outro momento histórico em que o Brasil cumpria sua aspiração de pertencer ao mundo civilizado: a Primeira Guerra, após o armistício de 1918, foi comemorada como *The Great War for Human Civilization*. Embora o Brasil não tivesse grandes ambições estratégicas ao se juntar ao esforço Aliado em 1917, pôs em prática seu anseio de se representar como um dos participantes da titânica contenda entre o mundo da *Zivilisation* e o da *Kultur*.

A importância dessa estreita afinidade entre o Brasil e o Ocidente se encaixa na ideia de cultura estratégica, segundo definida por Colin S. Gray: a cultura é uma das dimensões da estratégia, o contexto que influencia e provê de sentido as várias escolhas que direcionam o rumo político de uma comunidade. Para Gray, “em outras palavras, a cultura são os ideais, e evidência das idéias, e seu comportamento”.¹⁵ A interpretação de um processo de elaboração de estratégia por meio da evidência cultural não se presta a funcionar como uma “chave” apta a desvendar os próximos passos de um ator político. Analisar a cultura produz dados úteis que auxiliam a avaliar as decisões adotadas de maneira conjugada com outros fatores: a história, a geografia, a demografia, a capacidade industrial, a ética. A cultura estratégica ajuda a explicar o comportamento político com base na experiência nacional e

*A cultura estratégica
ajuda a explicar o comportamento
político com base
na experiência nacional*

os valores cultivados por uma comunidade. Ela, de forma alguma, possui valor preditivo, mas é útil para estabelecer correlações entre idéias e ação.

Razões para lutar: o Berço da Civilização Ocidental como teatro de operações

Evidentemente, o significado de *Civilização Ocidental* é também material para análise. Aliados e o Eixo puderam se servir do legado do passado como componente motivacional da guerra psicológica. O material básico para tal esforço era o mesmo, embora fosse utilizado de modo ambíguo. Os dois la-

dos beligerantes recorriam ao epíteto de *bárbaros* para rotular a natureza destrutiva do oponente. A aparente similitude na utilização de um mesmo tema para propósitos de convencimento dos corações e mentes obedecia a valores não somente diferentes, mas opostos: a qual Ocidente se reportavam Aliados e nazi-fascistas quando exaltavam a salvaguarda das tradições do mundo greco-romano como um dos objetivos a serem assegurados com a vitória? A situação era bastante parecida com o dilema da Primeira Guerra Mundial: os Aliados pugnavam pela defesa da civilização, o discurso alemão ressaltava a missão de lutar pela proteção da cultura nacional. O choque ocorria entre *Kulture Zivilisation*. Na visão alemã, os bárbaros agora invadiam a Europa para combater

¹⁵ GRAY, Colin S. *Modern strategy*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 132.

a cultura germânica. Para os Aliados, os novos bárbaros propugnavam a destruição de uma cultura universal e integradora.

Na Wehrmacht, as exortações direcionadas aos combatentes reiteravam idéias de superioridade racial e da necessidade da limpeza étnica nos territórios críticos para a política de *Lebensraum*.¹⁶ Embora os padrões estéticos nazistas sofressem influência da escultura greco-romana, o Terceiro Reich só utilizou a idéia de defesa do Ocidente de forma marginal, destacando a importância da Alemanha como centro de um novo modelo civilizacional para a Europa. Em livro publicado em 1934, Herman Göring exaltava a importância da consolidação do regime nazista na Alemanha como recurso para a proteção do continente europeu. O marechal da *Luftwaffe*, apesar disso, deixa bem clara a concepção que atribuía à garantia da integridade da região: "a Alemanha é e permanece sendo o coração da Europa". O crítico literário Helmut Langenbucher comemorava em 1937 a bem-sucedida extirpação de toda influência alienígena na cultura alemã, e Martin Heidegger exaltava a capacidade do Nacional Socialismo em instigar nova expressão para o "ser europeu". A partir de sua própria imagem, a Alemanha propunha homogeneizar a Europa.

*A invasão anglo-americana
da Itália traria o caudal
de novos hunos, personificados
pelas tropas coloniais*

O historiador da caricatura política Mark Bryant ressaltou a disposição que a propaganda de guerra do regime fascista cumpria ao classificar os soldados Aliados como bárbaros. Em um conhecido pôster de 1940, de autoria de Gino Boccasile, um sargento de feições simiescas abraça-se grotescamente a uma estátua clássica, na qual foi rabiscado o ridículo preço de dois dólares. A invasão anglo-americana da Itália traria assim o caudal de novos hunos, personificados pelas tropas coloniais, indiferentes à tradição cultural local.¹⁷

Apesar das referências ao passado clássico, ao contrário do ideal de Civilização Ocidental proposto pelos Aliados, o nazifascismo renunciava o caráter inclusivo da possibilidade da adoção de valores independente de raça. O regime nazista promoveu culto a um pastiche de "objetos artísticos culturais", "resgatados" de uma Idade Média fantasiada. Ao gosto da estética da SS, cada ariano proclamava sua identidade por meio de rituais de fertilidade assemelhados ao neopaganismo e pela compra de itens de decoração rúnicos inspirados em vestígios arqueológicos das tribos nórdicas.¹⁸ Por sua vez, desde os primeiros anos do regime fascista, Benito Mussolini exacerbava o passado italiano no intuito de promover a idéia de *Romanità*: no entanto, as condições de progresso intelectual e téc-

¹⁶ WETTE, W. *The Wehrmacht*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

¹⁷ BRYANT, Mark. *World War II in cartoons*. Nova York: Gallery Books, 1989.

¹⁸ NS-Kunst und kultur des dritten reiches. Disponível em: <<http://www.ns-kunst.com/>>. Acesso em: 27 out. 2012.

nico derivadas da Roma antiga e retomadas durante o Renascimento cediam lugar para o desenvolvimento do espírito marcial aplicado ao engrandecimento da Nação.¹⁹

Na época da guerra, do ponto de vista dos Aliados, a distinção entre o mundo desejado e o indesejado era bem clara: a Europa sob ocupação nazista era o símbolo máximo daquilo que se devia combater. O presidente Franklin Delano Roosevelt, ao proferir os vários discursos com a temática que inspirou a série *Why We Fight*, de Frank Capra, sobre as razões da luta contra o Eixo, posicionara a *sobrevivência* dos Estados Unidos no topo da lista de prioridades. Era uma diferença essencial. Um lado lutava pela expansão, o outro, para continuar existindo.²⁰

Estamos lutando pela liberdade e contra a escravidão.

Liberdade de expressão,

Liberdade religiosa,

Liberdade contra a carestia,

Liberdade contra o medo.

(...) Poucas pessoas têm uma noção clara do significado da vida para o indivíduo no caso de uma vitória do Eixo.

Deve ser claramente percebido que a nós não é permitido desfrutarmos a sós as Quatro Liberdades. Elas devem ser consolidadas mundialmente — sim, até mesmo na Alemanha, Itália e Japão —, ou elas sempre correrão risco na América.

(...)

Estamos lutando por um Novo Mundo.

Estamos lutando por um mundo mais decente — um mundo livre da força e do militarismo. Estamos lutando não apenas para manter para nós mesmos os ganhos que efetuamos no passado, mas também pelo direito de construir vida nova e melhor “para todas as pessoas e para as gerações futuras”. Estamos lutando pela democracia entre as nações e entre os indivíduos, para uma comunidade mundial dedicada ao livre fluxo do comércio, idéias e cultura.²¹

Os filmes de Capra consagraram-se como símbolo da motivação americana para intervir na guerra europeia, em tempos que o isolacionismo ainda exercia seu peso no debate político americano. Para muitos soldados e parte considerável de civis dos Estados Unidos, a situação na Europa era uma repetição do mesmo de sempre: “o Velho Continente está novamente arrumando problemas, e cabe à América resolvê-los”²². Entretanto, convencer a população americana e os homens em idade militar que ainda não haviam ingressado em algum dos Serviços era apenas uma parte do problema. O desdobramento dessa questão lapidar implicava prover de continuidade o argumento da defesa de um modelo civilizacional: não bastava combater, era preciso *acreditar* nas razões da guerra. Dado o alto grau de desgaste psicológico e físico dos combatentes empregados no *front* italiano,

¹⁹ GRIFFIN, R. (Ed.). *Fascism*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

²⁰ [Discurso radiofônico de FDR, 23 de fevereiro de 1942]. Disponível em: <<http://bl-libg-doghill.lads.iu.edu/gpd-web/historical/gimmpi/gimmpii.pdf>>. Acesso em 28 out. 2012.

²¹ [Presidente Roosevelt, Mensagem Anual ao Congresso, 6 de janeiro de 1942]. Disponível em: <<http://bl-libg-doghill.lads.iu.edu/gpd-web/historical/gimmpi/gimmpii.pdf>>. Acesso em 28 out. 2012.

²² STOUFFER, Samuel Andrew, et al. *The American soldier: adjustment during army life*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1949.

a necessidade de recuperar e manter os padrões de desempenho dos homens momentaneamente retirados das posições de combate era uma das prioridades do comando Aliado. Parte da tarefa foi cumprida pela *Fine Arts and Monuments Sub-Commission*, subordinada à *Allied Control Commission* — órgão, por sua vez, criado sob a égide do *Allied Military Government*.²³

O AFHQ (*Allied Forces Headquarters, Italy*) continha uma subdivisão de guerra psicológica, o *Psychological Warfare Branch* (PWB). Este comando recebeu o empenho de produzir uma série de cartilhas, impressas no teatro de operações e distribuídas pela *Fine Arts and Monuments Subcommission* aos combatentes em seus períodos de des-

canso nas cidades da retaguarda. Como várias cidades italianas historicamente relevantes encontravam-se além da Linha Gótica, o foco das operações psicológicas na península foram Roma e Florença, populares destinos de repouso dos soldados em suas folgas de sete ou oito dias nas áreas de descanso.²⁴

A autoria dos guias de visitação ficou a cargo do major De Wald, diretor da subcomissão. No prefácio ao guia dedicado a Roma (*Soldier's Guide to Rome*) o marechal Alexander, comandante supremo Aliado na

Itália, alertava que o autor era um perito no assunto da história da Cidade Eterna. Alexander destacava a importância de Roma como a primeira capital europeia a ser libertada pelos exércitos Aliados, e sua condição de berço da civilização. O texto de Alexander ressaltava a importância da cidade como “herança de toda civilização, e não apenas da Itália”.²⁵

Além do guia elaborado pela *Fine Arts and Monuments Subcommission*, dois outros guias para a cidade de Roma foram localizados, com nomes quase idênticos: outro *A Soldier's Guide... Rome*, feito pela *Information and Education Section* do QG do MTOUSA; e o *A Soldier's Guide to Rome*, da *Morale Services Section*, HQ, SOS, NATOUSA.

O guia para Roma da *Information and Education Section* conjugava a visita com

os vários centros de apoio a soldados existentes na cidade, como os *Rest Centers* e a Cruz Vermelha. Embora o foco fossem os museus, igrejas, Fórum Romano e ruínas, extensa lista de clubes militares, centros recreativos e restaurantes ocupava as páginas finais do opúsculo.²⁶

A Soldier's Guide to Rome publicado pela *Morale Services Section*, começava suas páginas reputando importância à oportunidade que o soldado Aliado tinha de “absorver a cultura e a antiguidade da Cidade Eterna. *Aproveite-as ao máximo*.”²⁷ O texto continuava

*Convencer a população
americana e os homens em
idade militar era apenas
uma parte do problema*

²³ The Medical Department in the Mediterranean and Minor Theaters.

²⁴ CRUZ, Vicente Pedrosa da. **Os caminhos de um pracinha**. São Paulo: Edição do autor, 2009.

²⁵ *Soldier's Guide to Rome*. Itália: Allied Control Commission, 1944.

²⁶ *A Soldier's Guide... Rome*. Itália: Information and Education Section, Hq., MTOUSA, 1944.

²⁷ *A Soldier's Guide to Rome*. Itália: Morale Services Section, HQ, SOS, NATOUSA. No original, “Make the most of them”. Itálico deste autor.

exaltando a grandeza da cidade:

Ao se mencionar o nome de Roma, quais pensamentos não são suscitados na mente de cada homem. Talvez histórias de Enéas ou de Rômulo venham à mente, talvez lições meio esquecidas sobre Brutus esfaqueando César[...] Em nenhum momento, nem mesmo quando os italianos estavam entre nossos inimigos, se podia pensar em Roma como pertencente ao inimigo, pois Roma é mais do que uma cidade italiana, ela pertence ao mundo por causa de sua herança em comum.

Já o *A Soldier's Outline of Italian History*, de responsabilidade da *Information and Education Section*, asseverava que “os soldados americanos lutando na Itália lembram-nos em todo momento que outros homens lutaram por esta terra por cerca de três mil anos”.²⁸

Referências ao passado militar clássico pontuaram e serviram de paralelo para vários episódios da campanha da Itália: ao proferir declaração sobre a conquista de Roma por seus homens, o general Mark Clark, então comandante do V Exército em junho de 1944, enfatizou o feito da tropa no impresso *Road to Rome*: “vocês conseguiram fazer aquilo em que as forças de Aníbal,

o cartaginês, falharam. Vocês capturaram Roma pelo Sul.” O mesmo livreto publicado pelo V Exército comemorando a conquista da capital italiana afirmava que os soldados Aliados “libertaram uma cidade que não pertence a uma só nação, mas ao mundo” e que “a cidade foi arrancada das mãos do Eixo e devolvida a uma civilização que a celebra”.²⁹

O guia para visitas à cidade de Florença foi produzido pela *Morale Services Section* conjuntamente com a *Subcommission for Monuments and Fine Arts*.³⁰ No lugar de destacar passatempos triviais, como cantinas para soldados, a publicação é um pequeno manual de história da arte, nar-

rando e analisando a prevalência cultural da cidade desde o Renascimento e indicando museus, palácios e galerias contendo as obras mais relevantes. O patrimônio florentino era reconhecido

O patrimônio florentino era reconhecido por ambos os lados beligerantes, uma vez que a cidade foi poupada da destruição da guerra

por ambos os lados beligerantes, uma vez que a cidade foi poupada da destruição da guerra, quando os alemães se limitaram a destruir as pontes mais novas, inviabilizar o acesso à *Ponte Vecchio* e retrair para a cadeia defensiva da Linha Gótica ao norte da localidade, em vez de prepará-la para o combate urbano.

²⁸ *A Soldier's Outline of Italian History*. Itália: Information and Education Section, MTOUSA, 1945.

²⁹ V Exército. *Road to Rome*. Itália: 1944.

³⁰ *A Soldier's Guide to Florence*. Itália: Morale Services Section, HQ, SOS, NATOUSA; The Subcommission for Monuments and Fine Arts, Allied Control Commission, 1944.

Guerra psicológica e a motivação para o combate na FEB

Combater na Itália e conquistar território equivalia, portanto, a expurgar a mácula nazifascista da matriz que originara a essência civilizacional agora incorporada pelas forças Aliadas. Como integrantes do V Exército, os expedicionários da FEB estavam igualmente expostos ao conteúdo das operações psicológicas conduzidas pela Subcomissão. O empenho diplomático dos Estados Unidos na década anterior já produzira efeitos no sentido de incentivar a noção do Brasil como integrante da comunidade de nações do continente americano. A *Notícia Histórica* divisionária, publicada na Itália ao fim das hostilidades, assinalava a importância dos compromissos continentais como fator que influenciara a decisão de participar diretamente da guerra. O país "não podia ficar indiferente às agressões do Eixo, principalmente a uma nação americana".³¹

De que maneira a produção propagandística Aliada obteve sucesso em nutrir a crença do Brasil inserido em uma identidade cultural mais ampla?

Em toda a história do Exército Brasileiro, a FEB certamente contou com o contingente mais bem instruído. Além de alto nível de alfabetização, entre os convocados havia quantidades de soldados rasos e graduados com formação técnica e superior que era desproporcional em relação

à média da população nacional. Tratava-se de consequência da vasta amplitude de especialidades demandadas pela organização de uma divisão de Infantaria moderna, que se estendiam desde qualificações em meteorologia até enfermeiros altamente capacitados. O apurado grau de instrução da tropa expedicionária devia-se também às parcelas de oficiais R2 incorporados, (estudantes e profissionais liberais convocados como tenentes). Igualmente importantes nos escalões superiores que formaram a FEB foram os oficiais da ativa do Exército, dentre os quais alguns nomes que logo após o término da guerra viriam a protagonizar a criação da Escola Superior de Guerra.³²

Combatentes brasileiros egressos do *front* e premiados com o cobiçado descanso na retaguarda puderam desfrutar a inserção no ambiente proporcionado pelo sistema de recreio do V Exército Americano. Leonércio Soares, veterano da 2ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria, escreveu em seu *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira* sobre a epopeia do cabo Valério, veterano de sua companhia favorecido com a visita à cidade:

Roma é Roma, empolga e deslumbra todo aquele que, pela primeira vez, a vê e alguma coisa sabe de sua imensa história. Roma, a que nasceu poderosa e cosmopolita — orgulhosa metrópole das metrópoles de todos os latinos e cristãos. Roma, fascinante e acolhedora, onde nenhum peregrino se sente estrangeiro.³³

³¹ Seção Especial do Comando. *Força Expedicionária Brasileira. Notícia Histórica*. Itália: MTOUSA, 1945.

³² FERRAZ, Francisco César Alves. *À sombra dos carvalhos: Escola Superior de Guerra e política no Brasil, 1948-1955*. Londrina: Editora, UEL, 1997.

³³ SOARES, Leonércio. *Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba: L. Soares, 1985, p. 276.

De antemão, a Itália já possuía significado especial para a tropa da FEB, desde o mais humilde cabo fuzileiro ao oficial superior com complexas atribuições no estado-maior divisionário. Ao chegar ao Quartel-General em Roma, o grupo de brasileiros da narrativa de Soares foi recebido por um oficial de relações públicas, que lhes recomendou aproveitar

da melhor maneira possível estes sete dias em que são hóspedes do Estado-Maior Americano. Divirtam-se. Esqueçam a guerra. De nossa parte, faremos tudo para que isso ocorra. Aqui vocês dispõem, gratuitamente, de tudo que consta nas instruções que receberam. Nada lhes faltará. Mas, se preferirem outras coisas, Roma está à disposição de vocês. Escolham aonde ir. É boa sorte!⁵⁴

Como hóspede especial do comando americano, Valério e um grupo de companheiros de várias nacionalidades gozaram do privilégio de passar uma semana repousando e recebendo os pequenos mimos e regalias que tanto significavam para quem era retirado das trincheiras por um punhado de dias. Soares atribuiu relação especial que os brasileiros teriam com a cidade por duas razões: latinidade e cristianismo. Não era só isso: o veterano brasileiro mencionou igualmente a afortunada presença do "sisudo e circunspecto primeiro-sargento Rui" no grupo. Pertencente ao Regimento Sam-

paio, sua presença era uma gratificação extra, pois Soares qualificou Rui como "versado em história romana".⁵⁵ Valério então se encantou, num "retrocesso no tempo", ao visitar Fórum, Coliseu e as galerias e obras de arte do Vaticano, com dedicada narração do sargento Rui.

Outro dos brasileiros merecedor da viagem a Roma foi o sargento José Alves da Silva, de Santa Catarina. Os combatentes engajados no V Exército Americano eram dirigidos para o Foro Mussolini, local onde se estabeleceu o *Rest Camp*: "chegando ao 'Rest Camp', do outro lado do Tibre, perto do Jardim Zoológico, ficamos deslumbrados porque ultrapassava em muito tudo o que se pudesse imaginar".⁵⁶

Evidentemente, as seduções de Roma não afetavam da mesma maneira todos brasileiros exaustos pelo *front*: o acadêmico de Direito Joaquim Xavier da Silveira pouco escreveu sobre as maravilhas da civilização clássica em seu livro de memórias, registrando, em vez, sua felicidade por poder se embriagar e dançar alegremente na arena do Coliseu.⁵⁷ Após folgar em Roma, o segundo-tenente Joaquim Urias de Carvalho Alencar, da 4ª Companhia do Regimento Sampaio, escreveu que a formação cristã de todos fazia com que os interesses de visitação convergissem para os monumentos religiosos.⁵⁸

Nas memórias publicadas por veteranos brasileiros, o sentido de afinidade civilizacional é a orientação religiosa, sobreposta

⁵⁴ SOARES, op. cit., p. 278.

⁵⁵ SOARES, op. cit., p. 278.

⁵⁶ SILVA, José Alves. **A saga de um catarina na FEB**. Florianópolis: Edição do Autor, 2001. O Rest Camp de Roma foi montado pelo Exército Americano em um complexo esportivo construído na era fascista. Atualmente, encontra-se convertido em albergue da juventude, e oferece aos mochileiros internacionais as mesmas instalações onde descansaram milhares de veteranos da linha de frente entre 1944 e 1945.

⁵⁷ SILVEIRA, Joaquim Xavier. **Cruzes brancas**: diário de um pracinha. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Álvaro, 1963.

⁵⁸ ALENCAR, J.U.C. **Com um pelotão na FEB**. João Pessoa: Edição do Autor, 1993.

a motivações de outra ordem. O major médico Alípio Corrêa Neto, que no pós-guerra seria reitor da Universidade de São Paulo, também destacou sua reverência a Roma como origem de sua crença:

af se firmou a sede do cristianismo a dominar espiritualmente grande parte da humanidade. Não é sem emoção, e profundamente respeitosa, que pisamos este solo, que se pode considerar sagrado para quem cultiva a inteligência e mais vive pelo espírito.³⁹

Porém, não havia contradição entre a peregrinação e a imersão na cultura italiana: para Ubirajara Dolácio Mendes, da 8ª Companhia de Fuzileiros do 6º Regimento de Infantaria,

nossa visita a Roma revestiu-se de um caráter quase que essencialmente religioso, pois que andamos de igreja em igreja. Não obstante, quero crer que nada perdemos com isso porque, como relatei páginas atrás, os maiores tesouros de arte acumulada estão represados nas igrejas italianas [...] Visitamos o museu de arte. As pinturas são maravilhosas. Vi os originais de muitas obras-primas, que eu só conhecia por figuras, em livros.⁴⁰

A Itália como referência cultural

Cientes das necessidades de progresso do Brasil, os soldados da FEB agora travavam contato com duas culturas: a dos Estados

Unidos, representada pela pujança técnico-material, e a italiana, símbolo das tradições das ciências e das Belas-Artes. O sargento Alcides Conejeiro Peres, do interior do estado de São Paulo, mencionou ter visitado Pisa movido pelo entusiasmo sobre a descoberta de Galilei: “estivemos em Pisa, eu e Bucker. [...] Bucker me mostrou o candelabro que, segundo se crê, Galilei observara e chegara à conclusão de que o mundo se move”.⁴¹

Alguns oficiais expedicionários partilhavam de extenso conhecimento do passado do Mediterrâneo, como o general Francisco de Paula Cidade. Historiador, Cidade deteve esmerada atenção sobre os vários locais pelos quais passou ao longo de seu itinerário na Itália, publicando ao final do conflito um livro que combina narrativa histórica com suas impressões de veterano daquele teatro de operações. Para o general, a guerra não conseguiu erradicar o arcabouço sobre o qual havia sido construído o edifício cultural italiano:

cimentada por dois mil anos de vida intelectual, a cultura italiana floresce hoje entre os escombros da guerra. Feridas que ainda sangram, necessidades imediatas e mesmo elementares não satisfeitas e o espectro da fome a bater-lhe à porta não impedem que o povo italiano leia, estude, medite.⁴²

O conhecimento sobre a história da península italiana, demonstrado em vários escritos de veteranos brasileiros publicadas

³⁹ CORRÊA NETO, Alípio. **Notas de um expedicionário médico**. São Paulo: ALMED, 1983.

⁴⁰ MENDES, U.D. **Brasileiros na guerra**. São Paulo: Edição do Autor, 1998.

⁴¹ PERES, Alcides Conejeiro. **As agruras de um recruta da usina miranda**. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti, [19--?].

⁴² CIDADE, F. P. **Nápoles e... um pouco mais**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1946.

logo após a guerra, deixa evidente que, em vez de mero produto do contato com o esforço de guerra Aliado, a valorização do passado clássico era um dado formativo da parcela mais culta da população brasileira, esta bem representada na FEB, dados os rigorosos padrões de seleção militar, o voluntariado de estudantes e acadêmicos e o universo cultural do oficialato profissional. O Ocidente era entendido como a comunidade cultural à qual o Brasil pertencia.⁴³

Esta aspiração foi fortemente sedimentada com a ativa cooperação no esforço de guerra Aliado. O Brasil seria a ponta de lança do Ocidente no Hemisfério Sul. Suas instituições, hábitos, valores e desenvolvimento social deveriam seguir tal modelo para propiciar o almejado processo de modernização nacional, como parceiro das grandes potências do Hemisfério Norte.

Na Guerra Fria

Os itinerários pelos quais fluíam os produtos do que A.P. Tota chamou de “fábrica de ideologias” eram vários. Oficiais brasileiros estagiaram nos Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial, e, durante o conflito, o birô dos Assuntos Interamericanos (o já citado OCIAA) foi peça essencial para o estabelecimento de boas relações entre os países das Américas e o governo americano.⁴⁴

Mas, se alguma consequência política pode ser extraída dessa fase de aproximação, ela se limitou à adoção do modelo americano, em outras palavras, *uma* das opções de desenvolvimento oferecidas pelo arcabouço Ocidental. Tratava-se de um modelo que essencialmente não se desviava da noção mais ampla e principal de desenvolvimento orientado pela democracia e pelo capitalismo.

Em 1960, o tenente-coronel Meira Mattos avaliava os valores tradicionais que aninhavam “as quatro sementeiras de nossa formação histórico-cultural: latinidade, lusitanismo, cristianismo e democracia representativa”.⁴⁵

E assim deveria permanecer o Brasil, no intuito de alcançar seus objetivos nacionais:

Essa síntese nos conduz, inelutavelmente, para o lado ocidental. Procurar fora do mundo ocidental uma linha de destinação política para nossa nacionalidade seria, para nós, o rompimento violento com as origens étnicas, religiosas, culturais e sentimentais. Não resta dúvida, portanto, de que somos ocidentais por imperativo de nossa gênese política e pela força incoercível de nossas aspirações espirituais.⁴⁶

Ao discursar para os recém-empossados diplomatas no Itamaraty em 1964, o presidente Castello Branco enfatizou tal preferência: “no caso brasileiro, a política externa não pode esquecer que fizemos uma opção básica, que se traduz numa fidelidade cultural e política ao sistema democrático ocidental”.⁴⁷

⁴³ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua Livros, 2010.

⁴⁴ TOTA, op. cit.

⁴⁵ MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica: volume I**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 56.

⁴⁶ MATTOS, op. cit.

⁴⁷ CASTELLO BRANCO, H. A. **Discursos**. Rio de Janeiro: Secretaria de Imprensa, 1964, p. 110.

O general Golbery do Couto e Silva, em *Geopolítica do Brasil*, avalizou a posição do Brasil como integrante da comunidade cultural do Ocidente:

o Brasil é também uma nação que, pela sua origem cristã e os valores democráticos e liberais que substanciam a cultura ainda em germe nesta fronteira em expansão, integra o Mundo do Ocidente, hoje, como nunca, ameaçado também pelo dinamismo imperialista e o imperialismo ideológico da civilização materialista que tem o seu fulcro esteado no coração maciço da Eurásia”.⁴⁸

Castello Branco e Golbery pronunciavam-se não somente ecoando o alinhamento brasileiro contextualizado pelo momento político internacional, mas, acima de tudo, por suas crenças pessoais, fortemente arraigadas em sua geração e endossadas pela tradição que buscava amoldar o país à civilização Ocidental. Obviamente, esse senso de fidelidade não implicava acatar imediatamente quaisquer imposições das grandes potências. Castello Branco estava realmente preocupado em assegurar que o melhor rumo a orientar as decisões de amplitude nacional residia no arcabouço cultural e institucional do Ocidente:

Não devemos pautar nossa atitude nem por maquiavelismo matuto, nem por uma política de extorsão. Reciprocamente, não devemos dar adesão prévia às atitudes de quaisquer das grandes potências — nem mesmo às potências guardiãs do mundo ocidental, pois que, na política externa destas, é necessário distinguir os interesses básicos da preservação do sistema ocidental dos interesses

específicos de uma grande potência”.⁴⁹

Ainda em *Geopolítica do Brasil*, Golbery lembrava os “tantos e tradicionais laços de interesses” entre o país e os Estados Unidos, que uniam ambos “em defesa, ao mesmo tempo, da civilização cristã, que é a nossa, contra o imperialismo comunista de origem exótica”.⁵⁰

Conclusão

Se os motivos que levaram o Brasil a enviar tropa expedicionária para combater no exterior permaneciam nebulosos na fase organizacional do contingente, ao ombreamento com os exércitos Aliados no berço do Ocidente, parte significativa dos militares brasileiros — tanto os de carreira quanto os convocados e voluntários — teve sua atenção despertada para razões mais profundas que a certificaram da importância da luta em que tomava parte. A cultura foi matéria-prima para a construção da estratégia.

O esforço propagandístico e psicológico Aliado, empreendido na Campanha da Itália, robusteceu tal crença. Mas, de forma alguma, o empenho das comissões de motivação de combatentes foi responsável por gerar expectativas dissociadas de um senso de pertença cultural e civilizacional já pré-existente na população brasileira. A guerra endossou a afinidade cultural e estratégica que orientou o país pela maior parte do século XX. Durante uma fase crítica da Guerra Fria, o posicionamento nacional apenas afiançou uma bem estabelecida tradição do pensamento conservador brasileiro, manifestado em sua cultura estratégica posta em ação. ☉

⁴⁸ SILVA, Golbery do Couto e. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967, p. 170.

⁴⁹ CASTELLO BRANCO, op. cit.

⁵⁰ SILVA, op. cit., p. 52.

Referências e fontes

Livros

- ALENCAR, J.U.C. **Com um pelotão na FEB**. João Pessoa: Edição do Autor, 1993.
- BRYANT, Mark. **World War II in cartoons**. Nova York: Gallery Books, 1989.
- CALDAS, Mirandolino. **O posto avançado de neuro-psiquiatria da E.E.B**. Rio de Janeiro: Graf. Laemmert, 1950.
- CASTELLO BRANCO, H. A. **Discursos**. Rio de Janeiro: Secretaria de Imprensa, 1964.
- CIDADE, F. P. **Nápoles e... um pouco mais**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1946.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **On war**. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- COLES, Harry Lewis; WEINBERG, Albert Katz. **Civil affairs: soldiers become governors**. Washington, D.C.: Office of the Chief of Military History, 1962.
- CORRÊA NETTO, Alípio. **Notas de um expedicionário médico**. São Paulo: ALMED, 1983.
- CRUZ, Vicente Pedroso da. **Os caminhos de um pracinha**. São Paulo: Edição do autor, 2009.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **À sombra dos carvalhos: Escola Superior de Guerra e política no Brasil, 1948-1955**. Londrina: UEL, 1997.
- GRAY, Colin S. **Modern strategy**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- GRIFFIN, R. (Ed.) **Fascism**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- KRAMER, Alan. **Dynamic of destruction: culture and mass killing in the First World War**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- LAMB, Richard. **War in Italy, 1943-1945: a brutal story**. Nova York: Da Capo, 1993.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica: volume I**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.
- MCCANN, Frank D. **A nação armada: ensaios sobre a história do exército brasileiro**. Recife: Guararapes, 1982.
- MENDES, U. D. **Brasileiros na guerra**. São Paulo: Edição do Autor, 1998.

- MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: IPE, 1947.
- MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- NAGL, John A. **Learning to eat soup with a knife**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- PERES, Alcides Conejeiro. **As agruras de um recruta da usina miranda**. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti, [19--?].
- SCHRIJVERS, Peter. **The crash of ruin: American combat soldiers in Europe during World War II**. New York: New York University Press, 1998.
- SILVA, Golbery do Couto e. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.
- SILVA, José Alves da. **A saga de um catarina na FEB**. Florianópolis: Edição do Autor, 2001.
- SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes brancas: diário de um pracinha**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Álvaro, 1963.
- SOARES, Leonércio. **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba: L. Soares, 1985.
- STARR, Chester G. **From Salerno to the Alps**. Washington: Infantry Journal Press, 1948.
- STOUFFER, Samuel Andrew, et al. **The American soldier: adjustment during Army life**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1949.
- _____. **The American soldier: combat and its aftermath**. Nova York: Science Editions, 1965.
- TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- WETTE, W. **The Wehrmacht**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

Documentos

Castello Branco, H.A. *Discursos*. Rio de Janeiro: Secretaria de Imprensa, 1964.

Exemplares originais no arquivo pessoal do autor:

A Soldier's Guide to Florence. Morale Services Section, HQ, SOS, NATOUSA; Subcommittee for Monuments and Fine Arts. Allied Control Commission. Itália: 1944.

A Soldier's Guide to Rome. Itália: Morale Services Section, H.Q., SOS, NATOUSA, 1944.

A Soldier's Guide... Rome. Itália: Information and Education Section, Hq., MTOUSA, 1944.

Soldiers Guide to Rome. Itália: Psychological Warfare Branch; Allied Control Commision, 1944.

A Soldier's Outline of Italian History. Itália: Information and Education Section, MTOUSA, 1945.

Força Expedicionária Brasileira. Notícia Histórica. Itália: Seção Especial do Comando, MTOUSA, 1945.

Neptuno, P. No. 45, 1943.

Road to Rome. V Exército, Itália: 1944.

Internet

[Discurso radiofônico de FDR, 23 de fevereiro de 1942]. Disponível em: <<http://bl-libg-doghill.ads.iu.edu/gpd-web/historical/gimmpi/gimmpii.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2012.

[Presidente Roosevelt, Mensagem Anual ao Congresso, 6 de janeiro de 1942]. Disponível em:

<<http://bl-libg-doghill.ads.iu.edu/gpd-web/historical/gimmpi/gimmpii.pdf>>. Acesso em 28 out. 2012.

NS-KUNST und kultur des dritten reiches. Disponível em: <<http://www.ns-kunst.com/>>. Acesso em: 27 out. 2012.

Entrevista

Luiz Paulino Bomfim.